

Alfabetização formal: argumentos para não antecipar

Heloisa Harue Takazaki

Introdução

Muitas escolas de Educação Infantil estão antecipando um processo silábico de alfabetização com crianças de 5, 4, 3, 2(!!) anos. E as causas mais relatadas sempre passam pela ansiedade e expectativa dos adultos (pais e professores) que, muitas vezes, movidos por ideias de competitividade e necessidade de “chegar na frente”, desrespeitam as etapas do desenvolvimento infantil.

Argumento 1 - Os documentos legais: BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil propõe cinco (5) campos de experiências: O eu, o outro e o nós; Corpos, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Em apenas um desses campos – Escuta, fala, pensamento e imaginação – aborda-se a competência da escrita. Mas, importante observar, não se discorre em nenhum momento, sobre alfabetização formal.

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores [...]. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua.

(BNCC – Educação Infantil)

Vale observar que a teoria que embasa a abordagem da escrita na Educação Infantil é a do letramento. Ou seja, numa sociedade letrada na qual as crianças se encontram mergulhadas numa infinidade de textos, suportes e gêneros, o indivíduo é letrado concomitante à própria percepção do mundo que o envolve.

Argumento 2 - A prontidão biológica

O desenvolvimento infantil é também biológico. Assim como algumas crianças aprendem a andar aos 9 meses e outras somente aos 2 anos, o desenvolvimento não é igual para todas as

crianças. Além da idade, o ambiente doméstico, sua história emocional, sociabilidade, maturidade são fatores primordiais. E é mister que o cérebro da criança esteja pronto para que ela possa adquirir determinados conhecimentos.

Ao se iniciar um processo formal de alfabetização silábica, a escola “pula” uma etapa primordial do seu desenvolvimento cognitivo: a experiência com a representação.

A escrita não é natural. É uma convenção histórica e socialmente estabelecida. Apreendê-la é um processo difícil que pressupõe a compreensão de um sistema complexo de símbolos. E essa compreensão só é possível quando habilidades básicas estejam desenvolvidas: concentração, coordenação visual e motora, afetividade, sociabilidade e outras aptidões.

Entre cinco e seis anos de idade, defendem os neurocientistas, as crianças estão numa fase em que não estão neurologicamente prontas para começar a ler. Algumas áreas do cérebro envolvidas na leitura, como o giro angular, não estão suficientemente desenvolvidas para que a decodificação faça algum sentido.

Argumento 3 - A prontidão pedagógica

Ensinar a fazer algo complexo pressupõe respeitar determinados passos, pré-requisitos necessários para que a aprendizagem se efetive. Por exemplo: para se ensinar frações, primeiro se ensinam os conceitos de todo, de parte, de metade, de dobro, cálculos de divisão, de soma entre outros pré-requisitos.

O processo de alfabetização se assemelha a qualquer outra aprendizagem: compreensão da simbolização e da representação, diferenciação entre letras e traços, compreensão dos espaços numa folha de papel, a relação pouco óbvia entre letra/fonema, a organização do texto numa página.

Conclusão

A alfabetização antecipada pode ser uma perda de tempo precioso. Iniciar um processo formal de alfabetização silábica com uma criança com menos de 5 anos, mesmo que ela demonstre interesse, pode ser desastroso. Além disso, o tempo da Educação Infantil é o tempo de brincar. Como bem propõe a BNCC para essa fase, é preciso fortalecer o compromisso da educação infantil com o direito das crianças de vivenciarem a infância, basicamente por meio da exploração e da brincadeira.

Brincar, assim, é coisa séria.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, A. P. de (Coord.). **Aprendizagem infantil**: uma abordagem da neurociência, economia e psicologia A654 cognitiva. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. BNCC – Base Nacional Comum Curricular, Educação Infantil, 2017.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. São Paulo: Contexto, 2008.

PRUDÊNCIO, Patrícia. **A precoce escolarização na Educação Infantil**. Artigo (Curso de Especialização em Educação Infantil) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Núcleo de Desenvolvimento Infantil. Campus Universitário – Trindade, Florianópolis, 2012. Disponível em:<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/130517/artespedinfplcha1ed020.pdf?sequence=1>. Acesso em 06/06/2018.

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda Becker. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2003.